

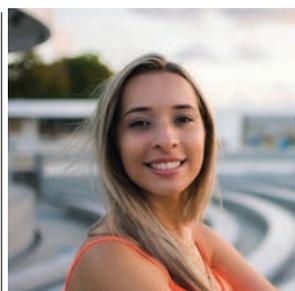
(POR) SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO DA MASTOFAUNA UTILIZADOS PELAS COMUNIDADES LOCAIS DO PARQUE NACIONAL DA QUIÇAMA, ANGOLA	Title
(ENG) MASTOFAUNA CLASSIFICATION SYSTEMS USED BY THE LOCAL COMMUNITIES OF THE NATIONAL PARK OF QUIÇAMA, ANGOLA	
Braga, F.; Alves, R.R.N.; Mota, H.	Author(s)
(POR) classificação tradicional; conhecimento local; Kimbundo; mamíferos; nomenclatura; (ENG) folk classification; Kimbundo; local knowledge; mammal; nomenclature	Keyword
Comunicação breve	Section
Ethnoscientia	Journal
2	Volume
2017	Year
http://dx.doi.org/10.22276/ethnoscientia.v2i1.51	DOI
Português	Language
26/12/2016	Sent
12/01/2017	Accepted
16/02/2017	Published



Franciany Braga-Pereira é bióloga pela Universidade Federal de Juiz de Fora e mestranda em Zoologia pela Universidade Federal da Paraíba. Tem interesse em etnobiologia, ecologia humana e conservação de mamíferos.



Rômulo Alves é doutor em zoologia pela Universidade Federal da Paraíba e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e está vinculado a programas de pós-graduação na UEPB e na Universidade Federal da Paraíba. Tem interesse em etnozootologia e conservação de animais silvestres.



Heliene Mota é bióloga pela Universidade Estadual da Paraíba e mestranda em Zoologia pela Universidade Federal da Paraíba. Tem interesse em etnobiologia, percepção humana e conservação de vertebrados.

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO DA MASTOFAUNA UTILIZADOS PELAS COMUNIDADES LOCAIS DO PARQUE NACIONAL DA QUIÇAMA, ANGOLA

Franciany BRAGA^{1*}, Rômulo Romeu da Nóbrega ALVES², Heliene MOTA³

¹Universidade Federal da Paraíba-PB, Brasil; ²Laboratory of Ecology and Evolution of Social-ecological Systems- Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE, Brasil; ³Universidade Estadual da Paraíba-PB, Brasil; * franbraga83@yahoo.com.br

RESUMO

Muitos cientistas estão motivados a entender como as pessoas classificam espécies, concentrando seus esforços nas chamadas taxonomias folk. Com o propósito de melhor compreender e colaborar com pesquisas relacionadas ao assunto, este estudo visou identificar as classificações de etnoespécies de mamíferos silvestres utilizadas por moradores do Parque Nacional da Quiçama (PNQ), Luanda- Angola. Para o levantamento de dados, foram selecionadas 27 informantes. Para registrar os nomes vernaculares das etnoespécies presentes no PNQ realizou-se entrevistas semiestruturadas e checklist com estímulo visual e “turnê-guiada”. Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente, buscando representar o consenso entre os informantes entrevistados. Foram registradas 48 etnoespécies de mamíferos, classificadas principalmente devido a aspectos morfológicos, seguidos pelos ecológicos e socioculturais. Critérios morfológicos encontrados estão associados à cor, tamanho, morfometria, ou por outra característica típica do corpo do animal. Como critério ecológico observou-se nomenclaturas relacionadas ao habitat do animal, ou se este está sozinho ou em grupo. Por exemplo, duas espécies de esquilos (nome em português), são classificadas de acordo com sua coloração e organização social, sendo assim chamadas de 1) Dicama (um único animal) ou macama (um grupo de animais)- em que ‘cama’ refere-se a uma coloração vermelha, e 2) Dibuco (um único animal) ou mabuco (em grupo de animais)- em que ‘buco’ refere-se a uma coloração castanha. Por vezes nomes binominal também são utilizados para especificar melhor determinada espécie. Aspectos socioculturais como localização e urbanização da comunidade também são responsáveis por influenciar na classificação das espécies. Observa-se, portanto neste estudo que além das características morfológicas e ecológicas, aquelas ligadas à sociedade e cultura também são utilizadas nos sistemas de classificações dos mamíferos pelas comunidades humanas do Parque Nacional da Quiçama.

PALAVRAS-CHAVE: classificação tradicional; conhecimento local; Kimbundo; mamíferos; nomenclatura

MASTOFAUNA CLASSIFICATION SYSTEMS USED BY THE LOCAL COMMUNITIES OF THE NATIONAL PARK OF QUIÇAMA, ANGOLA

Franciany BRAGA^{1*}, Rômulo Romeu da Nóbrega ALVES², Heliene MOTA³

ABSTRACT

Many scientists are motivated to understand how people classify species by focusing their efforts on the called folk taxonomies. In order to better understand and collaborate with research related to the subject, this study aimed to identify the wild mammals ethnospecies classification used by residents of Quiçama National Park (QNP), Luanda - Angola. For the data collection, 27 informants were selected. In order to register the ethnospecies' vernacular names present in the QNP, we carried out semi-structured interviews, checklist with visual stimuli and guided-tour techniques. There were 48 mammalian ethnospecies, classified mainly due to morphological, followed by ecological and sociocultural aspects. Morphological criteria are associated with color, size, morphometry, or other typical characteristics of the animal's body. As ecological criterion, it was observed nomenclatures related to the animal's habitat, and if it is seen alone or in a group. For example, two species of squirrels are classified according to their color and if are or no in a group, so they are called 1) *Dicama* (single animal) or *macama* (group of animals) - in which '*cama*' refers to a red coloration, and 2) *Dibuco* (single animal) or *mabuco* (group of animals) - in which '*buco*' refers to a brown coloration. Sometimes binominal names are also used to specify a particular species. Socio-cultural aspects such as the community location, are also responsible for influencing species classification. It is observed, therefore, that in addition to the morphological and ecological characteristics, aspects linked to society and culture are also used in the classification systems of mammals by human communities of Quiçama National Park.

KEYWORD: folk classification; Kimbundo; local knowledge; mammal; nomenclature

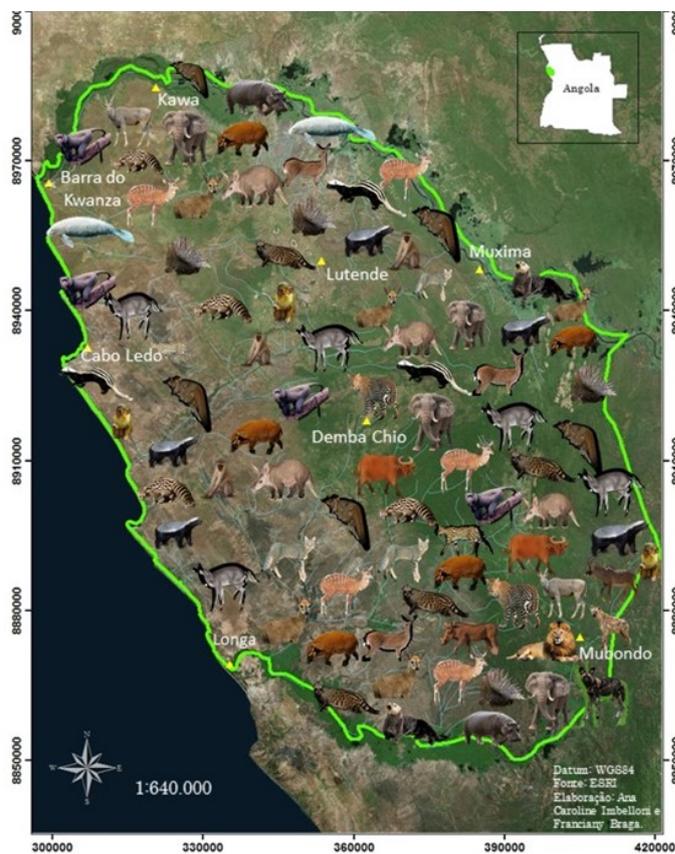
1. MATERIAL E MÉTODO

1.1. Caracterização da Área de Estudo

Localizado na província de Luanda, Angola, sob as coordenadas 9°14'31'' a 10°21'03'' de latitude Sul e 13°08'38'' à 14°08'07'' de longitude Leste, o Parque Nacional da Quiçama (PNQ) apresenta uma área efetiva de 9.960 Km² (figura. 1). Suas fitofisionomias variam entre florestas densas, savanas arborizadas e manguezais, onde se inserem populações humanas (PNUD, 2012).

O PNQ, foi estabelecido como reserva de caça em 1938 (Gomes, 2010) e proclamado como Parque Nacional pelos portugueses em 1958. Atualmente este é o terceiro maior parque de Angola em termos de extensão e anteriormente a guerra civil, que ocorreu durante 1975 e 2002, foi um dos grandes parques de África em termos de diversidade biológica (MUA, 2006). Contudo, não há para o parque um levantamento atualizado, bem como plano de manejo para as espécies de mamíferos, sendo que a maioria dos estudos sobre o assunto foram conduzidos durante o período colonial (1648-1974) e estão arquivados em Portugal.

Figura 1: Parque Nacional de Quiçama, Angola



Apesar de não haver plano de manejo para a fauna do PNQ, entre 2000 e 2001, espécies nativas e exóticas foram trazidas da Namíbia, Botswana e África do Sul para o PNQ, durante uma operação chamada de “Arca de Noé”. Nesta operação foram reintroduzidas duas espécies nativas: *Loxodonta africana* (elefante de savana) (n=30) e *Taurotragus oryx* (gunga) (n=8), e foram também introduzidas *Equus quagga* (zebra) (n= 16), *Connochaetes taurinus* (gnu) (n=12), *Giraffa camelopardalis* (girafa) (n=4), *Tragelaphus strepsiceros* (kudu ou olongo) (n=12) e *Struthio camelus* (avestruzes) (12) (MUA, 2006). Não há explicações

claras sobre a causa da introdução das espécies exóticas, contudo, tal operação não seguiu as diretrizes da União Internacional para a Conservação da Natureza, que critica e demonstra os impactos negativos que a introdução de espécies exóticas pode trazer ao ambiente.

1.2. Coleta de Dados

Este estudo levantou espécies de mamíferos silvestres de médio e grande porte que ocorrem no PNQ, segundo a percepção de moradores locais, e quais são os critérios que eles adotam nas classificações destas espécies.

Coletou-se os dados entre fevereiro e agosto de 2014, sendo a seleção dos informantes realizada pela técnica de amostragem *snowball* (Bailey, 1994). Por meio desta técnica, foram selecionados 27 especialistas, que são aquelas pessoas que se autorreconhecem e que são reconhecidas (Hays, 1976) pelo seu conhecimento acerca dos mamíferos do parque.

Identificou-se os nomes vernaculares das espécies a partir de entrevistas semi-estruturada (Bernard, 2006) e checklist com estímulo visual, e utilizou-se a técnica “turnê-guiada” para se assegurar dos nomes registrados (Albuquerque *et al.*, 2014).

Os nomes vernaculares das espécies foram registrados como citados pelos entrevistados. Os animais foram identificados das seguintes formas: 1) através dos nomes vernaculares, com o auxílio de taxonomistas familiarizados com a fauna das áreas de estudo; 2) através do checklist aplicado durante as entrevistas; 3) durante a turnê-guiada; 4) através da análise de parte dos espécimes apresentados pelos entrevistados.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este é o primeiro estudo sobre os mamíferos do PNQ realizado pós a independência de Angola. Neste, foram registrados 44 taxa de mamíferos, dos quais, determinou-se 39 ao nível de espécie, que, somados aos demais táxons, representam 22 famílias de 10 ordens (tabela 1).

Tabela 1: Mamíferos registrados no Parque Nacional da Quiçama, Angola (2014), seu nome científico, em português e em kimbundo (língua local).

Táxons	Nome em português	Nome em kimbundo
Leporidae	coelho	díbulo
<i>Hystrix africaeaustralis</i> (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803)	porco-espinho	kissaca
Sciuridae	esquilo	dicama
Sciuridae	esquilo	dibuco
Sciuridae	esquilo	diolo
<i>Thryonomys swinderianus</i> (Temminck, 1827)	ratazana-do-capim	umbungi

<i>Cercopithecus cynosurus</i> (Scopoli, 1786)	macaco-cinza	hima-kizela
<i>Cercopithecus mitis mitis</i> (Wolf, 1822)	macaco-preto	hima-kafango
<i>Miopithecus talapoin</i> (Von Schreber, 1774)	talapoin	muquéto
<i>Otolemur crassicaudatus</i> (É. Geoffroy, 1812)	grande-galago	bocoto
<i>Lycaon pictus</i> (Temminck, 1820)	cão-selvagem	<i>dibeko</i>
<i>Vulpes chama</i> (A. Smith, 1833)	raposa	<i>uquenga</i>
<i>Felis silvestris</i> (Schreber, 1777)	gato-selvagem	<i>kissuê</i>
<i>Leptailurus serval</i> (Schreber, 1776)	serval	<i>jijango</i>
<i>Panthera leo</i> (Linnaeus, 1758)	leão	<i>hoji</i>
<i>Panthera pardus pardus</i> (Lineu, 1758)	leopardo	<i>ongo</i>
<i>Atilax paludinosus</i> (G.[Baron] Cuvier, 1829)	mangusto-do-pântano	<i>camuquengue</i>
Herpestidae	mangusto	<i>cahala, camihala</i>
<i>Crocuta crocuta</i> (Erxleben, 1777)	hiena	<i>kimbungo</i>
<i>Mellivora capensis</i> (Thomas & Wroughton, 1907)	ratel	<i>canganga, umbalo</i>
<i>Poecilogale albinucha</i> (Gray, 1864)	doninha-africana-listrada	<i>barihondo, chimbandole</i>
<i>Hydrichtis maculicollis</i> (Lichtenstein, 1835)	lontra	<i>cazundo</i>
<i>Civettictis civetta</i> (Schreber, 1776)	civeta-africano	<i>dikombe</i>
<i>Genetta genetta</i> (Linnaeus, 1758)	geneta	<i>caluchimba, candole</i>
<i>Hippotragus equinus</i> (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803)	palanca-castanha	<i>kissema</i>
<i>Philantomba monticola</i> (Thunberg, 1789)	duiker-azul	<i>seixa</i>
<i>Redunca arundinum</i> (Boddaert, 1785)	nunce	<i>sóck</i>
<i>Sylvicapra grimmia</i> (Linnaeus, 1758)	duiker-comum	<i>kambambi</i>
<i>Syncerus caffer nanus</i> (Boddaert, 1785)	búfalo-vermelho	<i>jipakasa</i>
<i>Tragelaphus scriptus</i> (Pallas, 1766)	bauala	<i>golungo</i>
<i>Tragelaphus strepsiceros</i> (Pallas, 1766)	kudu	<i>olongo</i>
<i>Taurotragus oryx</i> (Pallas, 1766)	elande	<i>gunga</i>
<i>Giraffa camelopardalis</i> (Linnaeus, 1758)	girafa	não há
<i>Connochaetes taurinus</i> (Burchell, 1823)	gnu	não há
<i>Hippopotamus amphibius</i> (Linnaeus, 1758)	hipopótamo	<i>nguvu</i>
<i>Potamochoerus larvatus</i> (F. Cuvier, 1822)	javali	<i>thombo</i>
<i>Phacochoerus aethiopicus</i> (Pallas, 1766)	facoqueiro	<i>n'ungala-thombo</i>
<i>Dendrohyrax arboreus</i> (A. Smith, 1827)	hyrax	<i>o'diquezo-minche</i>
<i>Heterohyrax brucei</i> (Gray, 1868)	hyrax	<i>o'diquezo-pedra</i>
<i>Equus quagga burchelli</i> (Boddaert, 1785)	zebra	não há
<i>Diceros bicornis</i> (Linnaeus, 1758)	rinoceronte-negro	não há
<i>Loxodonta africana</i> (Blumenbach, 1797)	elefante-africano	<i>jinzamba</i>
<i>Trichechus senegalensis</i> (Link, 1795)	manatim	<i>makunji</i>
<i>Orycteropus afer</i> (Pallas, 1766)	aardvark	<i>jimbo</i>

Na busca para entender sobre os sistemas de taxonomias *folk* surgiram duas correntes teóricas. Uma delas, a cognitivista, considera que tais sistemas são regidos por princípios intelectuais, em que o humano utiliza características, por exemplo, como aquelas associadas a morfologia e ecologia dos organismos para classificá-los (Alvez *et al.*, 2014). Uma segunda corrente constitui a chamada “visão alternativa sobre as classificações *folk*”, a qual, por outro lado, sugere que as classificações apresentam características que podem variar em diferentes culturas, sem seguir padrões universais, como proposto pela primeira (Ferreira Junior *et al.*, 2014).

Entre os fatores que influenciam a classificação local dos mamíferos registrados, o aspecto morfológico é o mais proeminente no sistema de classificação das comunidades do PNQ. A morfologia também foi a principal ferramenta de classificação utilizada em sistemas humanos estudados por Kakudidi (2004) em sua pesquisa sobre a flora na Uganda e por Ramires *et al.* (2012) em sua pesquisa sobre a ictiofauna no Brasil.

Critérios morfológicos encontrados foram associados à coloração, tamanho, forma do corpo, ou por outra característica típica do corpo do animal. Como critério ecológico observou-se nomenclaturas relacionadas ao habitat do animal, ou se as espécies são solitárias ou gregária. Por exemplo, duas etnoespécies de esquilos (nome em português), que de acordo com os informantes se diferenciam principalmente pela coloração e formato da cauda, apresentam diferentes nomes, sendo que uma etnoespécie é chamada de *dicama* (sing.) ou *macama* (pl.) - em que ‘cama’ refere-se a uma coloração vermelha-, e a outra de *dibuco* (sing.) ou *mabuco* (pl.) - em que ‘buco’ refere-se a uma coloração castanha. Observa-se ainda que para tais etnoespécies ocorre não só uma classificação de acordo com a morfologia, mas também para identificar se o animal em questão está sozinho (sing.) ou em grupo (pl.). Esta informação também foi registrada para outros táxons neste estudo, que seguem:

T. scriptus: *o’golungo* (sing.) e *en’ golungo* (pl.); *G. genetta*: *kandolê* (sing.) e *jandole* (pl.); *S. caffe*: *jipakassa* (sing.) e *pakassa* (pl.); *L. africana*: *jinzamba* (sing.), *nzamba* (pl.); *T. senegalensis*: *makunje* (sing.), *dikunje* (pl.); e *Lycaon pictus* (Temminck, 1820): *dibeku*, (sing.) e *Mabeku* (pl.), ressalta-se o epíteto *beku* tem relação com a palavra *ku-di-beka*, que significa “apresentar-se” e faz alusão a perseguição que o *dibeku* faz a suas presas.

Por vezes, nome binominal também é utilizado para especificar melhor determinada espécie. Por exemplo, o animal chamado em português de canta-pedra (Família: Procavidae) é classificado de acordo com seu habitat (critérios ecológicos) em canta pedra que habita as

rochas: *o'diquezo* de pedra (*H. brucei*); e aqueles que vivem em árvores: *o'diquezo minche* (*D. arboreus*).

Ainda quanto à especificação binominal de espécie, destacamos que a espécie *P. aethiopicus* (português: facocheiro) é chamado de *n'ungala thombo* e o *P. larvatus* (português: javali) apenas de *thombo*, sendo que o epíteto *n'ungala* designa o maior porte e grandes dentes apresentados pela primeira espécie. Além disto, parece que as comunidades humanas da Quiçama utilizam o nome *thombo* para se referir também a outras espécies de javali, além da que ocorre na área, de forma que a palavra *thombo* apresentasse um caráter mais genérico. De forma semelhante Ramires *et al.* (2012), em seu estudo no Brasil, também encontraram que espécies nomeadas por pescadores com nomes monotípicos são genéricas e que aquelas de nome binomial representam maiores subdivisões específicas.

Também os maias Itzaj utilizam o emprego de nomes politípicos, no caso, para a classificação do animal com nome genérico esquilo (*ku'uk*), que apresenta como específico o esquilo vermelho (*chak ku'uk*) e como subespecíficos a fêmea (*chak ku'uk uch'upal*) e o macho (*chak ku'uk uxib'al*) (Alvez, *et al.*, 2014).

É importante ressaltar ainda que nomes semelhantes foram aplicados às duas espécies do gênero *Tragelaphus*, em que *T. scriptus* é chamada de *o'golungo* e *T. strepsiceros* de *olongo*. A grande questão que se levanta aqui é que a segunda espécie foi introduzida no parque em 2002, não sendo nativa na região em questão. Ou seja, atribuiu-se pelas comunidades do PNQ a nova espécie introduzida um nome semelhante ao daquela nativa presente em seu mesmo gênero, demonstrando o uso de características morfológicas para a classificação dos mamíferos pelas comunidades humanas em estudo.

Como mencionado as comunidades do PNQ utilizam também sistemas de classificação que são influenciados pela cultura, a depender de fatores como a localização destas comunidades. De acordo com (Ferreira *et al.*, 2014), a influência de fatores socioculturais em sistemas de classificação pode sofrer variações entre populações, ainda que próximas. Esta variação foi registrada em nosso estudo, principalmente se compararmos os nomes utilizados pelas comunidades localizadas a noroeste com aquelas a sudeste do PNQ. Por exemplo, a espécie *M. capensis* (português: ratel) recebe o emprego do nome *canganga* pelas comunidades localizadas a noroeste deste parque e de *umbalo* por aquelas localizadas a sudeste, o que pode ser relacionado a variações da língua tradicional kibundo, que na parte sul do PNQ parece sofrer influência de uma outra língua tradicional em Angola, o umbundo.

Cinco espécies (ver espécies destacadas com asterisco na tabela 1) foram introduzidas em 2007 no PNQ. Porém, diferentemente de *T. strepsiceros*, as outras quatro espécies

introduzidas não apresentam espécies do mesmo gênero que sejam nativas do PNQ e, talvez por isto, são chamadas apenas pelo seu nome em português.

Constata-se, portanto, que tanto características morfológicas e ecológicas (universais), quanto aquelas ligadas as sociedade e cultura são utilizadas nos sistemas de classificações dos mamíferos pelas comunidades humanas do Parque Nacional da Quiçama.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos informantes e aos membros das comunidades onde este estudo foi realizado, por terem compartilhado seu conhecimento tão rico. Os autores são gratos ao Instituto de Biodiversidade e Áreas de Conservação (Angola), a Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil) e a Universidade de Agostinho Neto (Angola) pelo apoio logístico a pesquisa. Os autores são gratos ao prof. Artur Andriolo pelo apoio ao estudo científico dado ao estudo. Os autores reconhecem os comentários dos revisores que ajudaram a melhorar a qualidade do manuscrito. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde a primeira autora estava vinculada no ano em que ocorreu a coleta de dados e pelo Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação (INBAC-Angola).

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvez, A.; Santos, L.; Ferreira Júnior, W.; Albuquerque, U. C. 2014. Como e por que as pessoas classificam os recursos naturais? In: Albuquerque, U.P. Introdução à etnobiologia. 1º ed., Vol. I, pp. 77-82. Recife: NUPEEA.

Ferreira Junior, W.; Lucena, R.; Albuquerque, U. 2014. Visões alternativas sobre as classificações *folk*. In: U. P. Albuquerque, Introdução à etnobiologia. 1ª ed., Vol. I, pp. 83-90. Recife: NUPEEA.

López, A.; Atran, S.; Coley, J.; Medin, D.; Smith, E. 1997. The Tree of Life: Universal and Cultural Features of Folkbiological Taxonomies and Inductions. *Cognitive psychology* 32: 251–295.

Mourão, J.; Araujo, H.; Almeida, F. 2006. Ethnotaxonomy of mastofauna as practised by hunters of the municipality of Paulista, state of Paraíba-Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 2(19).

Paz, V.; Begossi, A. 1996. Ethnoichthyology of galviboa fishermen of sepetiba bay, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, 16 (2):157-168.

Pereira, F.; Van-Duném, C.; Andriolo, A. 2015. *Etnoconservação como modelo para o conhecimento e manejo de mamíferos - o caso do parque nacional da Quiçama (Luanda, Angola)*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

Ramires, M.; Clauzet, M.; Begossi, A. 2012. Folk taxonomy of fishes of artisanal fishermen of Ilhabela (São Paulo/Brazil). *Biota Neotropica*, 12 (4).

Braga et al. Sistemas de classificação da mastofauna utilizadas pelas comunidades locais do parque nacional da Quiçama, Angola. *Ethnoscintia* v.2. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22276/ethnoscintia.v2i1.51>

Rocha-Mendes, F.; Mikich, S.; Bianconi, G.; Pedro, W. 2005. Mamíferos do município de Fênix, município de Fênix, Paraná, Brasil: etnozooloogia e conservação. *Revista Brasileira de Zoologia*, 22 (4), 991-1002.

Albuquerque, U.; Ramos, M.; Lucena, R.; Alencar, N. 2014. Methods and Techniques Used to Collect. In: U. P. Albuquerque, L. Cunha, R. Lucena, & R. Alves (Eds.), *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*, 2 ed., Vol. 1, p. 276. Recife: Springer Science Business Media New York.

Begossi, A.; Clauzet, M.; Figueiredo, J.; Garuana, L.; Lima, P., MacCord, P., et al. 2008. Are biological species and higher-ranking categories real? Fish folk taxonomy on Brazil's Atlantic Forest and in the Amazon. *Current Anthropology*, 49 (2), 1-16.

Bernard, H. R. 2006. *Research methods in anthropology* (4 ed.). Nova York: AltaMira Press.

Bothma, J.D. Family Herpestidae. 1998. In: J. d. Bothma, *Carnivore Ecology in Arid Lands* (pp. 149-165). South Africa: Springer Berlin Heidelberg.

Gomes, M. 2010. *Jornal de Angola*. Acesso em 22 de 06 de 2015, disponível em http://jornaldeangola.sapo.ao/regioes/parque_nacional_da_quissama_recebe_centenas_de_turistas

Hays, T. 1976. An Empirical Method for the Identification of Covert Categories in Ethnobiology. *American Ethnologist*, 3, 489-507.

Kuedikuenda, S.; Xavier, M. 2009. *Frameowrk report on angola's biodiversity*. Luanda.

Ministério do Urbanism e Ambiente. 2004. *PARQUES NACIONAIS DE ANGOLA*. República de Angola, Luanda.

Ministério do Urbanismo e Ambiente. 2006. *Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola*. República de Angola, Luanda.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2012. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Programa de Apoio Estratégico para o Ambiente (PAEA), Angola.

Rede Angola. 2014. Acesso em 03 de junho de 2015, disponível em Conservacionistas sul-africanos furiosos com o parque da Kissama: <http://www.redeangola.info/conservacionistas-sul-africanos-furiosos-com-o-parque-da-kissama/#.VazmRrzvRGZ.facebook>

Ricklefs, R. E. 2010. *A Economia da natureza* (6ª ed.). Rio de Janeiro.

Roland Goetz. 2012. *Report on Kissama National Park*. Luanda. ISSN 1676-0603